

O plano de seis livros novamente? Sobre a falta de perspectiva de uma lenda¹

Carl-Erich Vollgraf²

Resumo:

Este artigo acompanha o processo de elaboração, escrita e reelaboração da crítica marxiana da economia política por meio da análise exegética do *corpus* textual marxiano de 1861 a 1881. Destrincha especialmente os *Manuscritos de Marx para o terceiro livro nos anos 1870*, os *Manuscritos de Marx para o livro segundo, de 1867-81* e os *Manuscritos de Marx para os livros segundo e terceiro, de 1867-8*, muitos deles inéditos até serem recentemente publicados na MEGA2. O chamado *plano de seis livros* não é mencionado em nenhum texto do período, pelo contrário, Marx saúda sua obra como um “todo artístico” e uma “articulação dialética” referindo-se especificamente a *O capital*. Este texto sustenta, portanto, que é preciso aceitar essa postura distante do próprio Marx em relação ao chamado *plano de seis livros*, que não tem a necessária legitimação científica ou plausibilidade.

Palavras-chave: Crítica da economia política; *O capital*; Karl Marx (1818-83).

The six-book plan once again? On the lack of perspective of a legend

Abstract:

This article accompanies, through the exegetical analysis of the Marxian textual corpus from 1861 to 1881, the process of writing, elaborating, and re-elaborating of the Marxian critique of political economy. It especially describes Marx's *Manuscripts for the third book in the 1870s*, *Marx's Manuscripts for the second book of 1867-81* and the *Marx Manuscripts for the second and third books of 1867-8*, many of them unpublished until recently published in MEGA2. The so-called plan of six books is not mentioned in any text of the period, on the contrary, Marx welcomes his work as an "artistic whole" and a "dialectical articulation" referring specifically to *Capital*. This text defends, therefore, that it is necessary to accept Marx himself did not position stood for the called plan of six books. Therefore, that does not have the necessary scientific legitimacy or plausibility.

Key words: Critic of political economy; *Capital*; Karl Marx (1818-83)

¹ Artigo publicado originalmente na *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung, Neue Folge*, 2013. Traduzido por Leonardo Gomes de Deus. Revisado por Vânia Noeli Ferreira de Assunção.

² Doutor, membro do comitê editorial da Internationale Marx-Engels-Stiftung (IMES). Colaborador da MEGA2.

Quando se quer mencionar o assim chamado *plano de seis livros* de Marx, não apenas a propósito de sua completude, mas mesmo para reconstruí-lo, para isso, é necessária legitimação científica ou plausibilidade exegética. Para tanto, alguns fatos poderiam ser particularmente decisivos: a) Marx *nunca renunciou* a este plano explicitamente. Ou, ao menos: O plano determinou a criação do trabalho econômico de Marx ao longo dos anos; b) O plano é amplamente apoiado por meio de materiais de pesquisa e de redação.

Vejamos, portanto, como isso se encontra em Marx.

1 – Nenhum conceito final para o plano de seis livros

Quanto ao primeiro aspecto: no primeiro estágio do debate atual, não me ocupei especificamente com a recepção do assim chamado *plano de seis livros* na literatura. Simplesmente porque, como editor, lidei com essas intenções iniciais de Marx de um modo sempre mais ou menos imanente, em relação ao plano de Marx e execução de *O capital*, e porque aprendi a aceitar o poder dos fatos. A cada passagem de Marx, editores como eu se colocam a pergunta: De onde ela veio, onde Marx a utiliza e qual é seu futuro? Portanto, por motivos redacionais, por repetidas vezes, lidei com o *corpus* textual marxiano completo, entre 1861 e 1881 (manuscritos, cartas, excertos e notas marginais em livros), precisamente no contexto dos volumes da MEGA2, II/14: *Manuscritos de Marx para o terceiro livro nos anos 1870* (publicado em 2003), II/11: *Manuscritos de Marx para o livro segundo, de 1867-81* (2008), e II/4.3: *Manuscritos de Marx para os livros segundo e terceiro, de 1867-8* (2012). Esses três volumes da MEGA2, em geral, contêm textos publicados pela primeira vez, portanto, materiais que não estavam à disposição de debates e autores anteriores a respeito do assim chamado *plano de seis livros*, no melhor dos casos, apenas para serem decifrados. Para a presente finalidade, não é sem importância que, além disso, nesses volumes, não mais se trate do elaborador de projetos ou do enunciador de intenções, mas do autor Marx, que fechou um contrato com o editor Otto Meissner para três volumes (três livros) de *O capital*, contrato este que deveria ser cumprido.

Para mim, foi altamente revelador, para o problema de pesquisa e exposição, o trabalho no Volume II/4.3 da MEGA2. Antes de tudo o mais, ele disse respeito:

- a) À decisão de Marx por uma história da economia política (1863);
- b) À publicação por Marx do Livro I como Volume I (1867), equivalente ao desmantelamento da “articulação dialética” e do “todo arquitetônico” (1866), ademais, precedente para a exposição nos livros seguintes;

c) Ao desejo imediato de Marx de terminar os livros II e III (1867-81);

d) À aspiração de Marx a um consistente sistema categorial de valor, portanto, a um consistente processo de construção conceitual (1867-70, 1877-81);

e) À luta de Marx para estabelecer posições na exposição, ainda não – ou insuficientemente – trabalhadas: entre outras, rotação do capital, esquemas de reprodução, desenvolvimento da taxa de lucro, renda diferencial (1867-81);

f) À empreitada marxiana em direção a uma exposição mais empírica (a incorporação de relatórios sobre trabalho feminino e infantil, condições de trabalho, trabalho fabril e saúde pública, resposta a problemas de economia empresarial: depreciação, amortização, reinvestimento, também com o auxílio de aritmética comercial; incorporação de investigações sobre indústria, transporte e agricultura, renda e outros componentes sociais; descrição de desenvolvimentos contemporâneos da oligarquia financeira, especulação na bolsa);

g) Ao interesse de Marx na exposição explicitamente matemática das deduções categoriais, relações econômicas, tendências, limites, assim como correlações a partir de leis etc.

A lição do trabalho com o Volume II/4.3 é apenas a mesma do grupo de volumes mencionado, a qual enuncio agora assim: forjar planos é essencial, às vezes, até romântico, mas a seriedade do autor Marx se mede, nesses planos, por sua viabilidade e implementação.

Para cada volume da MEGA2, reli a correspondência de Marx entre 1863 e 1881 e, de fato, sempre com benefício, porque o fiz do ponto de vista ou em conexão com um outro grupo de manuscritos para *O capital*. Frequentemente, cartas anteriormente de difícil compreensão se deixavam decifrar pela primeira vez ou de forma diferente. De todo modo, um editor lê cartas, na maior parte das vezes, sob pressupostos diferentes de outro leitor. Ele conhece o estilo do autor, algo a esconder e, precisamente por isso, a compartilhar. Alusões descartadas, fontes veladas ou nomes ocultos lhe exigem ainda mais. Ele dispõe de informações sobre os manuscritos póstumos ainda inéditos. Além disso, ao longo dos anos, aparece a cautela precisamente sobre aquilo que diz respeito à articulação por Marx do plano e da situação de seu trabalho. O quão apropriada é essa cautela se tornará mais do que evidente em minhas explicações a seguir. Para um entendimento inicial, dois exemplos relevantes dos anos 1860: ainda em outubro de 1866, Marx explicou a Ludwig Kugelmann que o primeiro volume de *O capital* conteria os dois livros sobre processo de produção e processo de circulação³. Entretanto, de fato, já trabalhava havia vários

³ Ver carta a Ludwig Kugelmann de 13 out. 1866 (MEW, v. XXXI, p. 534).

meses com a publicação separada de Volume I (Livro I). Em maio de 1867, ele escreveu a Ludwig Büchner que deveria levar à impressão o Volume II (igual aos livros II e III) durante o verão e, durante o inverno, o Volume III (Livro IV)⁴. Naturalmente, estivesse Marx em acordo com Meissner dessa forma, por que deveria, no entanto, dedicar-se ainda a outras e novas ilusões, se ele mesmo já havia abandonado as ilusões descuidadas?

Ao poder dos fatos: no conjunto de minhas pesquisas, não encontrei, em qualquer parte do corpo textual entre 1861 e 1881, um lamento de Marx sobre não poder realizar o chamado *plano de seis livros*. Nem uma vez, por supressão dialética, este “plano” é assunto. Ao contrário: se Marx saúda sua obra como um “todo artístico” e uma “articulação dialética”, é sempre no nível plano de *O capital*. Não posso me recordar também de qualquer referência, depois de 1861, como esta: “isso pertence ao livro sobre trabalho assalariado”, “pertence ao livro sobre o estado” etc. Marx teve várias oportunidades para tanto, como, por exemplo, quando, no outono de 1864, falou das “potenciais continuções” de sua obra, ou no final de 1865, quando escreveu que a análise da propriedade fundiária, em suas formas históricas, não pertencia a essa obra⁵. Em 1867, no Livro I, lê-se que as formas de salário pertencem a uma “teoria especial do trabalho assalariado”⁶. Provavelmente, esta também é a última alusão a exposições “possíveis”, “externas”. Aproximadamente em meados dos anos 1870, ele finalmente reconheceu que necessitava realizar os maiores esforços para acabar os livros II e III. Tão logo isso ocorreu, quis alterar consideravelmente o livro primeiro. Em 1881, entretanto, quando pensou a respeito⁷, o quarto livro, sobre a história da economia política, já estava a uma distância inalcançável.

Em minha opinião, temos simplesmente de aceitar essa postura distante do próprio Marx em relação ao chamado *plano de seis livros*. De fato, quase como esculpido na pedra, ainda hoje se encontram explicações na literatura como: Marx não mais retornou aos livros II a VI; ou: Marx não escreveu o livro sobre o estado. Em alguns trabalhos, lê-se que o *plano de seis livros* de Marx estava em suas próprias aspirações e falhou durante seu tempo de vida. Alguns autores falam do “famoso” *plano de seis livros*, o que deve sugerir que prevalece (obsequioso) consenso sobre a função deste plano. Claramente, todas as sentenças significam: Marx nunca abandonou seu *plano de seis livros*. Ninguém se submete à dificuldade de provar isso.

⁴ Ver carta a Ludwig Büchner de 1 maio 1867 (MEW, v. XXXI, p. 544).

⁵ MARX, *O capital (Manuscrito econômico de 1863-5)* l. III (MEGA2 II/4.2, pp. 178.18-25; 667.4-5, respectivamente).

⁶ MARX, *O capital: crítica da economia política* l. I, Hamburgo, 1867 (MEGA2 II/5, pp. 440.6-7).

⁷ Ver carta de Marx a Nikolai. F. Danielson de 13 dez. 1881 (MEW, v. XXXV, p. 246).

Para ser compreendido corretamente: não tenho qualquer desejo de me ocupar com a negação do assim chamado *plano de seis livros*. Toda biografia séria começa, afinal, com as circunstâncias do nascimento. Ocorre apenas que, em minha opinião, deve-se compreender que o projeto ou o conceito *plano de seis livros* é sempre produto de abstração aguçado por nossa percepção. Mesmo quando se procura gerar um *plano de seis livros* – reconstruir não me parece apropriado, pois, a partir de onde? –, então, deve-se ter claro a respeito que se trata de um projeto de construção de tipos ideais de uma obra de economia política. Muitas das sabedorias de manuais marxistas, 150 anos depois de Marx, não seriam eliminadas e, assim, desempenhariam um papel.

Consideremos as ideias em transformação de Marx em 1858, dentro de algumas semanas, na organização de sua obra econômica. Então, a discussão não pode ser sobre um plano objetivamente estabelecido para seis livros.

2 – Plano de seis livros – um conceito apenas fictício?

Em conhecida carta a Ferdinand Lassalle, de 22 de fevereiro de 1858 – Lassalle oferecera a Marx intermediar-lhe o contato com um editor berlinense⁸ –, pela primeira vez, Marx menciona um *projeto de seis livros*. O índice dos livros específicos, certamente, consiste apenas em tópicos: *do capital, da propriedade fundiária, do trabalho assalariado, do estado...* O tema central e os contornos do projeto, ele também os deixou indeterminados: deve lidar com uma “*crítica das categorias econômicas*”, respectivamente, para “apresentar criticamente o sistema da economia burguesa”. De fato, isso seria tanto uma crítica da economia política e sua história – esta última deve ser reservada a outro trabalho – quanto um “*esboço histórico do desenvolvimento das categorias e relações econômicas*” – que só apareceria numa terceira obra, posterior⁹. Três projetos supostamente distintos, na maior “interseção” que se possa imaginar, poderíamos dizer de modo sarcástico no comumente insípido jargão político de hoje. É digno de nota que o “conceito” não siga absolutamente o desenvolvimento da obra econômica, que aquilo que Marx consigna precisamente em conceito seja a “*elaboração de princípios econômicos*”, para cuja finalidade ele até adquiriu livros-textos de álgebra¹⁰. Também várias questões técnicas que ele dirigiu ocasionalmente a Engels – como aquelas intensas, repetidas sobre a rotação do capital em diversos ramos de negócio, sua influência em preços e lucros, seu papel no

⁸ Ver carta de Marx a Ferdinand Lassalle de 10 fev. 1858 (MEGA2 III/9, p. 57-45-49).

⁹ MEGA2 III/9, p. 72.69-73.84.

¹⁰ Carta de Marx a Engels de 11 jan. 1858 (MEGA2 III/9, p. 18.8-13).

ciclo da crise¹¹ – estas questões não emergem do livro-conceito de Marx, mas antes de sua discussão corrente sobre os “fundamentos da economia”¹². Como conciliar o fato de que Marx fale repetidamente da iminente “síntese” e “conclusão” de sua economia¹³ mas, ao mesmo tempo, aponte um projeto que o vincularia por décadas? Finalmente, permanece completamente nebuloso qual “grande serviço” para esse conceito-chave de seis livros folhear a *Lógica*¹⁴ de Hegel deveria ter prestado.

Todas essas inconsistências do assim chamado *plano de seis livros* se resolvem sem qualquer dúvida quando assumimos que, na carta a Lassalle de 22 de fevereiro, Marx não aborda um real plano de obra, mas antes que se trata de uma manobra tática para ser recebido por um editor alemão, por meio de um conceito claramente sociocrítico dado a sua obra econômica¹⁵. Dadas as relações políticas, não é especificamente pouco, para Marx, como emigrado, sem porta-voz num lugar virtualmente desesperador. O *conceito-chave* mesmo é facilmente concebível e longamente conhecido: os três primeiros livros dizem respeito às rendas das principais classes e suas fontes (rendimento e suas fontes: capital-lucro, propriedade da terra-renda, trabalho assalariado-salário), o quarto vale como suas modificações (estado: impostos), o quinto e o sexto abordam as influências externas (comércio externo e mercado mundial: saldo comercial). Essa exposição implica a crítica ao chamado “dogma de Smith¹⁶” (valor das mercadorias = lucro + renda + salário). Mais ou menos nesse sentido, supostamente, Lassalle poderia ter explicado o projeto de Marx ao editor berlinense Franz Duncker. Marx certamente teria facilitado para Lassalle o complexo convencimento de Duncker¹⁷ – ele falaria mais tarde do extraordinário talento e diligência para convencimento por parte deste¹⁸ – se tivesse, ao menos, expressado como seu objetivo central (desde os estudos de Londres): “deitei abaixo toda a teoria do lucro, como foi até agora”¹⁹.

Marx adiantava a publicação de sua obra em “cadernos sem ordem fixa”, do modo que lhe era o mais favorável. Faltavam-lhe “tempo, calma e

¹¹ Ver cartas de Marx a Engels de 29 jan., 2 e 5 mar. 1858 (MEGA2 III/9, pp. 46.22-27; 86.54-60; 92.9-94.87). Ver carta de Engels a Marx de 4 mar. 1858 (MEGA2 III/9, p. 89.17-91.86).

¹² Carta de Marx a Lassalle, 21 dez. 1857 (MEGA2 III/8, p. 223.31).

¹³ Carta de Marx a Engels, 8 dez. 1857 (MEGA2 III/8, pp. 210.25-26). Jenny Marx e Karl Marx a Conrad Schramm, 8 dez. 1857 (MEGA2 III/8, p. 211.21-22).

¹⁴ Carta de Marx a Engels, 14 jan. 1858 (MEGA2 III/9, p. 24.31-25.34).

¹⁵ A obra era uma necessidade do tempo, portanto, ela deveria “precisamente encontrar um livreiro miserável”, conforme se lê na carta dos Marx a Schramm, de 8 dez. 1857 (MEGA2 III/8, p. 211.22-24).

¹⁶ Ver, neste número da *Verinotio*, texto de Fred Moseley sobre o tema. [NE]

¹⁷ Cf. Ferdinand Lassalle a Marx, 3 mar. 1858 (MEGA2 III/8, p. 87.7-10).

¹⁸ Cf. Marx a Joseph Weydemeyer, 1 fev. 1859 (MEGA2 III/8, p. 294.91).

¹⁹ Marx a Engels, 14 jan. 1858 (MEGA2 III/8, p. 24.30-31).

meios de terminar o todo para entregá-lo ao público”, argumentava ele²⁰. Como exemplo, recorria calculadamente à *Estética ou ciência do belo*, de Friedrich Th. Vischers, “publicada pouco a pouco” (1846 a 1858); ele se ocupara recentemente com essa série. Marx acreditava que uma sequência de cadernos permitiria a cada editor ter apenas de investir bem menos “capital circulante”. Lassalle lhe resolveria este problema, depois que barganhasse com Duncker o projeto de Marx. Duncker – Lassalle nunca lhe pôde mencionar o título da “obra econômica”²¹ de Marx, nem por uma vez – pouco quis saber sobre o cálculo de seu risco empresarial, nem sobre quantos cadernos estavam planejados, quantas páginas impressas eles ocupariam, sobre quantos fascículos Marx tinha em mente. Duncker se reservava apenas o direito de interromper a impressão se a receita dos três ou quatro primeiros fascículos não cobrisse os custos²². Agora, estava com Marx tornar concreto seu projeto, e isso, antes que o interesse de Duncker diminuísse. Em carta a Lassalle de 11 de março de 1858, ele falou de um tamanho total de ao menos 30 a 40 folhas (portanto, 480 a 640 páginas impressas), desigualmente distribuídas nos seis livros: os três últimos conteriam apenas um panorama geral, os três primeiros abordariam a “exposição fundamental da economia propriamente”, com cada fascículo de quatro a seis folhas. O primeiro apresentaria “os fundamentos para toda a exposição”: “1) Valor, 2) dinheiro, 3) o capital em geral (processo de produção do capital, processo de circulação do capital; unidade de ambos ou Capital e lucro [juros]). Ele forma assim uma brochura independente.” Com isso, Marx reflete, pela primeira vez, sobre partes essenciais do desenvolvimento de seu manuscrito econômico de 1857-8²³. E enuncia também seu ponto central: “Você mesmo, em seus estudos de economia, já descobriu que Ricardo, em sua exposição do lucro, cai em contradição com sua (correta) determinação do valor, o que conduziu sua escola ao completo abandono de sua base ou ao mais repugnante ecletismo. Acredito ter ordenado a coisa.” Sobre o conteúdo dos livros II a VI, no entanto, Marx não diz uma palavra.

Marx quer o contrato com Duncker imediatamente. Concede-lhe o direito de interromper a edição depois do primeiro fascículo (equivalente a dois cadernos). Ele pode igualmente contar com economizar o pagamento do primeiro caderno, que traria os primeiros frutos de sua ocupação com a matemática avançada. (Eu cito:) “No que concerne aos honorários, se necessário, eu o estabeleço no mínimo para o primeiro caderno = 0.” Já

²⁰ Marx a Engels, 14 jan. 1858 (MEGA2 III/8, p. 72.48-64). Igualmente, Marx a Engels, 22 fev. 1858 (MEGA2 III/8, p. 74.11-14).

²¹ Lassalle a Marx, 3 mar. 1858 (MEGA2 III/8, p. 87.8).

²² Cf. MEGA2 III/8, p. 87-8.

²³ Nos *Grundrisse*, Caderno II, p. 18, encontram-se reflexões sobre o curso da exposição – elas estão destacadas do texto corrente por meio de colchetes – que são compatíveis com as referidas explicações de Marx na carta (cf. MEGA2 II/1.1, p. 187.13-33).

com esta carta a Lassalle, Marx abandona três dos supostos seis livros de seu “conceito” num compromisso negociável²⁴.

Depois de Lassalle dar a entender a Marx, de modo indireto, que Duncker também não estava interessado em produtos incertos, Marx menciona, em 11 de março, um termo fatal para o primeiro fascículo, já que a coisa se revelava rápida: fim de maio “nas mãos” do editor²⁵. Duncker estabelece o prazo certo e propõe um contrato; ele quer pagar a Marx 3 *friedrichsdor* (15 *reichstáleres*) por folha, para o outono, de modo que os dois primeiros fascículos sejam impressos. Para Marx – que se sente lisonjeado com a observação de Lassalle, de que professores de Berlim se congratulavam com 2 *friedrichsdor* por folha²⁶ –, esta é a oportunidade para anunciar a Engels um *short outline* da primeira parte de sua obra. A “merda toda” deve se “decompor” em seis livros, com isso, devem aparecer a passagem de capital em propriedade fundiária, tanto dialética quanto historicamente, assim como da propriedade fundiária ao trabalho assalariado. O Livro I deve conter quatro seções: o capital em geral, a concorrência dos capitais, o crédito, o capital por ações. Entretanto, diferentemente da carta a Lassalle de 11 de março, então, deveriam “1) Valor” e “2) Dinheiro” constituir os dois primeiros pontos da primeira seção “capital em geral”. Marx os explica. Ainda, nomeia o ponto “3) O capital”, entretanto, imediatamente depois dessa palavra-chave, interrompe suas explicações. Aqui, também, Marx não dispensa nenhuma palavra sobre o conteúdo dos livros II a VI; vê-se da observação incidental acima que as passagens sobre salário pertenceriam às considerações sobre trabalho assalariado²⁷.

Para Engels, isso é “a very abstract abstract indeed”; ele teria de buscar a transição dialética com dificuldade – entretanto, o arranjo em seis livros lhe apraz excepcionalmente. Certamente, ele não vê claramente a transição dialética da propriedade fundiária ao trabalho assalariado²⁸. Quando Marx lhe apresentasse a conclusão do “capital em geral”, veria melhor o “drift”²⁹. Essa continuação não viria; em seu lugar, Jenny Marx lhe escreve (como também a Lassalle), em 9 de abril, que Marx estava doente do fígado e da bile, não poderia concluir o manuscrito, encontrava-

²⁴ Marx a Lassalle, 11 mar. 1858 (MEGA2 III/9, p. 96.17-99.53).

²⁵ Marx a Lassalle, 11 mar. 1858 (MEGA2 III/9, p. 96.17-99.53).

²⁶ Ver cartas de Lassalle a Marx, 26 mar., e Marx a Engels, 20 mar. 1858 (MEGA2 III/9, pp. 113; 115.5-11).

²⁷ Cf. Marx a Engels, 2 abr. 1858 (MEGA2 III/9, p. 122.42-191).

²⁸ Nos *Grundrisse*, Caderno II, pp. 22-4, encontram-se mais reflexões sobre o curso da exposição – também destacadas do texto corrente por meio de colchetes (cf. MEGA2 II/1.1, p. 199.16-2013.13). Marx se coloca aqui a pergunta de Engels: “como resulta a passagem da propriedade fundiária ao trabalho assalariado?” (MEGA2 II/1.1, p. 200.4-5). Nem aqui, na página 18 (cf. nota 21), o discurso é sobre os seis livros.

²⁹ Engels a Marx, 9 abr. 1858 (MEGA2 III/9, p. 126.3-16).

se nervoso e ansioso³⁰. O mês de abril passou. Em maio, Marx deixa sua mesa de trabalho por Manchester, a oportunidade para informar pormenorizadamente a Engels sobre suas intenções. Engels, que supostamente teria preferido que Marx chegasse com um trabalho para discussão, não verberava essas conversas.

Nos oito meses seguintes, ocorreu uma intensa contenda entre Marx e seus “credores” sobre um texto para impressão. Em 31 de maio, seu primeiro termo final, ele se desculpou com Lassalle em razão da doença, se ele poderia informar isso a Duncker³¹. No mesmo dia, certamente, confia a Engels que só então iniciara “o trabalho para a impressão”. Condena apenas “que, no manuscrito (que seria impresso num grosso volume) tudo esteja desordenado”, ele deveria fazer antes um índice, para encontrar a “porcaria”, que ele precisaria primeiro³². A partir dali, Lassalle e Duncker o orientaram para a publicação dos cadernos aproximadamente no final de setembro³³.

Em julho/agosto, Marx se encontrou impedido de trabalhar no manuscrito em razão de doença da esposa e crianças; dia após dia, ele se atormentava com o desastre financeiro de sua casa. De fato, “a coisa com Duncker se torna urgente”, ele admite³⁴. (Dentre as respostas de Engels, está contido, na carta de 14 de julho, um relevante ponto conceitual. Ele fornece a Marx material que poderia ser útil no “capítulo: trabalho assalariado”³⁵.) Em 23 de julho, Lassalle aliviou a pressão: Duncker e ele contavam diariamente com a chegada do manuscrito de Marx; agora, ambos deveriam viajar por seis ou oito semanas. Portanto, ele não precisava enviar o manuscrito no final de setembro³⁶.

Marx não respondeu a Lassalle. A data de entrega no fim de setembro se aproximava mesmo assim. Marx então anunciou a Engels, que sempre o ajudava financeiramente, em 21 de setembro, que seu manuscrito seria despachado em duas semanas, até mesmo dois cadernos de uma vez. Cronicamente desconfortável, escrever no verão lhe custou “esforços extraordinários”: “Como eu só tenho de estilizar o que já foi escrito, então, posso-me sentar por horas antes de obter um par de frases corretas.”³⁷ Engels esperava. Com efeito, sua última e aborrecida frase na carta de 7 de outubro, situada somente depois das saudações finais e, com isso, a permanecer como última impressão na memória de Marx, diz: “O

³⁰ MEGA2 III/9, pp. 129-30.

³¹ MEGA2 III/9, p. 154.24-25.

³² Cf. MEGA2 III/9, pp. 156.8-9; 157.40-44.

³³ Cf. Lassalle a Marx (MEGA2 III/9, p. 158.7-12).

³⁴ Marx a Engels, possivelmente, 3 ago. 1858 (MEGA2 III/9, p. 201.44-45).

³⁵ Cf. MEGA2 III/9, p. 181.10.12. Grifos nossos.

³⁶ MEGA2 III/9, p. 194.3-7.

³⁷ MEGA2 III/9, p. 210.5-11.

manuscrito já foi despachado?”³⁸ Em 21 de outubro, Engels repete sua pergunta, e por precaução integra um velho amigo: também Lupus (Wilhelm Wolff) seria acalmado com uma resposta “positiva”³⁹. Marx admite que ainda necessita de mais semanas, “apesar de Lupus”⁴⁰.

Há muito, Lassalle se sentia desautorizado. Não ouvia nada de Marx sobre o que deveria dizer a Duncker, conforme inquiriu em 22 de outubro. Não teria ele, Marx, “nem mesmo ainda terminado o primeiro fascículo?” Lassalle quer prevenir abertamente que Marx se valha novamente da desculpa da doença e relata, portanto: Heinrich Köster se encontrara com Marx brevemente, em Londres, e este aparentava estar “bem e gordo”; sua esposa Jenny estava mais bela do que nunca. A segunda jogada de Lassalle: ele anunciou uma obra econômica própria, no mais tardar em dois anos. Certamente, se Marx devia extrair dele muitas novidades, elas eram supérfluas. Para resolver a questão, Lassalle assume naturalmente “que a sua [obra – de Marx] seja felizmente lançada o mais breve possível”⁴¹. Marx se exaspera. (Ver pp. 16-7.) Somente em 12 de novembro, depois de Peter Imandt lhe haver escrito na véspera que se alegrava por Marx haver encontrado um editor tão respeitável como Duncker⁴², ele reagiu à carta – objetivo e generoso, pois precisava de Lassalle. Ele repele a impressão já mencionada de Köster, pois não queria deixá-lo ver suas opressivas condições de vida. Como razão principal para o adiamento do primeiro fascículo, Marx evoca aquilo que empregará mesmo um ano mais tarde: “O material está diante de mim, trata-se apenas ainda da forma.” Seu estilo padece sob o fígado doente. Isso não é aceitável, pois, finalmente, teria o resultado de seus estudos de 15 anos. Ele também deve ao partido a apresentação de maneira estilisticamente adequada de seu pensamento. Duncker tinha de aprovar isso, em última análise, ele queria fornecer-lhe a melhor mercadoria por seu dinheiro. Não se coaduna com essas (e anteriores) explicações que Marx admita “somente ter começado com a escrita propriamente”. Em cerca de quatro semanas, provavelmente, ele estaria pronto para enviar dois cadernos, entretanto, devido ao contexto interno, “toda a ação dependia disso”. No que se refere à “rivalidade” entre ele e Lassalle, a ciência poderia suportar uma dúzia de cabeças melhores⁴³.

Em 29 de novembro, Marx informa a Engels que sua esposa copiara parte do manuscrito; de fato, antes do fim do mês, ele já teria sido

³⁸ MEGA2 III/9, p. 216.69. Na carta de Marx de 8 de outubro, o manuscrito não desempenha qualquer papel, em vez disso, ele discute em detalhe a situação do mercado mundial e constelações revolucionárias (MEGA2 III/9, pp. 217-9).

³⁹ MEGA2 III/9, p. 222.57-61.

⁴⁰ Marx a Engels, 22 out. 1858 (MEGA2 III/9, p. 229.14-15).

⁴¹ MEGA2 III/9, p. 227.15-228.38. – Heinrich Köster: filólogo e pedagogo alemão.

⁴² MEGA2 III/9, p. 237.17-18. – Peter Imandt: professor alemão em Dundee.

⁴³ MEGA2 III/9, p. 238.8-239.58.

despachado. Do ponto de vista do conteúdo, a procrastinação teria resultado em que o primeiro capítulo, “A mercadoria”, ainda não tivesse sido absolutamente escrito “no esboço”, e que o segundo capítulo, “O dinheiro ou a circulação simples”, o tenha sido apenas em linhas bastante curtas⁴⁴. Vemos: abruptamente, os “capítulos introdutórios”⁴⁵ anteriores se transformaram num capítulo decisivo para a publicação; com isso, Marx está a formar definitivamente os elementos principais, em essência, de sua economia.

De acordo com Marx, em 11 de dezembro Jenny Marx ainda copia o seu texto de difícil leitura⁴⁶. Cinco dias mais tarde, lê-se que Lupus (Wilhelm Wolff) ouvira para breve que o manuscrito já havia sido despachado. Marx está no topo/exultante: ninguém teria, sob tais circunstâncias, acabado tão rápido⁴⁷. Em 22 de dezembro, ele pergunta se Engels poderia escrever um artigo para o *New York Tribune* em seu lugar, até a véspera de Natal, pois tinha de enviar “o manuscrito” a Duncker antes do fim do ano⁴⁸. Em verdade, suas saudações posteriores de ano-novo a Engels não contêm essa aguardada notícia. Engels faz Marx saber que está bastante aborrecido. Ele não retribui as saudações de ano-novo nem reage às três cartas seguintes de Marx. Em carta de 14 de janeiro de 1859, Marx calcula o início do manuscrito – agora, deve-se tratar mesmo de três cadernos – e esclarece a Engels por que não há qualquer deficiência, mas antes uma jogada tática ponderada, quando o título do manuscrito (Capital em geral) e o conteúdo (valor e dinheiro) não coincidem. Novamente, ele busca obter a cumplicidade de Engels em relação ao prazo para envio do manuscrito. Poderia Engels assumir o próximo artigo para o *New York Tribune*? Até terça-feira, ele necessitava de terças livres, ou não seria possível levar o manuscrito ao correio na quarta-feira⁴⁹. A referida quarta veio e se foi. Em 21 de janeiro, Marx esclarece que o “manuscrito infeliz” ficara pronto, entretanto, solicita duas libras a Engels, para que possa enviá-lo com um seguro⁵⁰. Engels envia o dinheiro sem carta anexa, embora Marx de fato lhe tenha pedido que se pronunciasse imediatamente sobre se ele deveria fazer seu direito de tradução ser garantido na impressão. Engels também não congratulou Marx quando, em 26 de janeiro, este lhe informou que o manuscrito tinha sido despachado. Em lugar disso, interessava-se explicitamente pela fofoca dos emigrantes, sobre os quais Marx lhe queria relatar posteriormente⁵¹. O

⁴⁴ MEGA2 III/9, p. 248.26-249.3.

⁴⁵ Marx a Lassalle, 22 fev. 1858 (MEGA2 III/9, p. 73.3).

⁴⁶ MEGA2 III/9, p. 256.39.

⁴⁷ Cf. Marx a Engels, 16 dez. 1858 (MEGA2 III/9, p. 258.16-18).

⁴⁸ MEGA2 III/9, p. 2.263.4-7.

⁴⁹ MEGA2 III/9, p. 275.2-18.

⁵⁰ MEGA2 III/9, p. 277.2-8.

⁵¹ MEGA2 III/9, pp. 285.3-4; 284.4.

aborrecimento/ressentimento de Engels só acabou depois que, de Berlim, foi noticiado de modo confiável que o manuscrito fora entregue⁵². Então, ele aconselhou Marx a se assegurar o direito de tradução⁵³.

Bem-disposto depois do envio do manuscrito, em 1º de fevereiro, Marx apresentou sua obra planejada a Joseph Weydemeyer. Na primeira vez, faltava o título “Para a crítica da economia política”, na última vez, a conversa era sobre os seis livros. Marx se refere às palavras-chave por nós conhecidas para os livros e divide o Livro I em quatro seções e a Seção 1, em três capítulos. Ele apresenta a articulação dos dois primeiros capítulos, tal qual entregara a Duncker. O terceiro, sobre o capital, ele reteve por motivos políticos. Sobre o conteúdo dos livros II a VI, silencia. Em vez disso, cita, para cada tópico do capítulo, o teórico burguês que deveria enfrentar – todos de distinção, de William Petty até Thomas Tooke. Ampla crítica da economia política burguesa e sua história, essa a impressão que Weydemeyer deve ter tido. Entretanto, isso é precisamente o que Marx negou em carta a Lassalle de 22 de fevereiro de 1858. Além disso Marx pretendia “demolir” o proudhonismo, esse “falso irmão” do comunismo⁵⁴. Portanto, Marx moldava, nessa parte de sua carta a Weydemeyer, quase um prospecto para seu caderno e, nesse sentido, chegava a enfatizar: ele queria obter uma vitória científica para o partido. Agora, caberia a este – o partido – mover-se. Especificamente, os socialistas deveriam comprar exemplares suficientes, então, o avanço da empreitada estava assegurado⁵⁵. Novamente, Marx delegava a responsabilidade a outrem, que não lhe poderia declinar.

Em 23 de fevereiro de 1859, Marx enviou o prefácio a Duncker⁵⁶. Aqui, certamente, ele está consideravelmente mais contido em seus anúncios do que nas suas cartas a Lassalle, Engels e, finalmente, Weydemeyer. Em lugar de seis livros, ele fala de uma sequência de temas: “*capital, propriedade fundiária, trabalho assalariado; estado, comércio exterior, mercado mundial*”. Sob as três primeiras rubricas, ele investiga as “condições econômicas de vida das três grandes classes em que a sociedade burguesa se divide”. A relação com as outras três “rubricas” é óbvia. Aqui, Marx apresenta, portanto, diferentemente de sua carta indeterminada a Lassalle, de 22 de fevereiro de 1858, o conceito assumido

⁵² Cf. Franz Duncker a Marx, 7 fev., e Engels a Marx, 10 fev. 1859 (MEGA2 III/9, pp. 302; 313.7-8).

⁵³ Cf. Engels a Marx, 14 fev. 1859 (MEGA2 III/9, p. 315.3-4).

⁵⁴ Depois, ele instruirá Engels para enfatizar esse ponto em sua resenha (cf. Marx a Engels, 22 jul. 1859 in: MEGA2 III/9, p. 521.37-39).

⁵⁵ Marx a Weydemeyer, 1 fev. 1859 (MEGA2 III/9, p. 294.88-295.140). – Joseph Weydemeyer: publicista alemão, emigrou para os Estados Unidos em 1851. – A publicidade de Marx deu certo. Weydemeyer anunciou a ele, em 27 de março, 85 subscrições em Nova York, 10 em Chicago. E era de se esperar mais (MEGA2 III/9, p. 367.11-17).

⁵⁶ MEGA2 III/9, p. 320.

acima por mim – classes. Renda e suas fontes – elas mesmas expressas explicitamente. A disposição exterior, ele a deixa em aberto. O Livro I trata do capital, do qual ele menciona novamente a primeira seção, que consiste em três capítulos, dos quais os dois primeiros desempenhavam uma função na brochura disponível. Abstraindo as seis “rubricas”, no prefácio, Marx só revela aquilo que o leitor, de qualquer modo, encontra no índice da brochura. Ele não fala de uma “sequência sem ordem fixa” de cadernos, em contrapartida, de uma “elaboração coerente” de materiais dispostos em forma de monografias, que dependem de “circunstâncias externas”⁵⁷.

O Fascículo 1 de *Para a crítica da economia política* foi lançado em 11 de junho de 1859. Nas semanas anteriores, Marx foi afetado tanto por “circunstâncias externas” quanto por internas, de modo que a realização de um segundo fascículo se tornava mais e mais duvidosa. Em 21 de fevereiro, ele faz saber a Engels que “elaborava então o ‘Capital’”, por isso, conta com Engels para seus artigos do *New York Tribune*⁵⁸. Isso não é evidência para nós de que tivesse realmente começado a compor o Fascículo 2. Ou Marx não falava em absoluto do Fascículo 2?

Como autor, Marx exigiu de seu editor, Duncker, a tolerância mais extraordinária. Ele mesmo não podia respeitar o tempo de Duncker. Seu descontentamento com o fato de que este não respondera prontamente a seu prefácio com um punhado de provas, ele o descarregou primeiramente em seu intermediário, Lassalle. “O judeu marrom (Lassalle), eu lhe anunciei, em 22 de outubro de 1858, resumidamente, uma grande obra de economia política, para a qual ele precisará de um ano de estudos”⁵⁹. A cada semana, Marx se tornava mais impaciente, conjecturava que Duncker pretendia adiar a edição. Ele o ofendia como “... um cão preguiçoso”⁶⁰, e o “judeuzinho” Lassalle era posto ali com sua “sujeira” literária⁶¹. Em 28 de maio, Marx pediu a Duncker que abandonasse sua manobra de “adiamento sistemático e planejado”, também em nome de seus conhecidos na Inglaterra⁶². Duncker repeliu essa acusação e Marx, novamente com bom senso, desculpou-se invocando as infelizes condições de vida⁶³. Entretanto, em 22 de junho, novamente ele acusou Duncker de “embargo”-político: nem seu livro havia sido lançado, nem seus honorários haviam chegado; Marx ameaçava com um esclarecimento público⁶⁴. Entretanto, uma semana antes, Lassalle o saudara pela publicação do

⁵⁷ Marx, *Para a crítica da economia política*. Fascículo 1 (MEGA2 II/2, p. 99.3-15).

⁵⁸ MEGA2 III/9, p. 318.9-10.

⁵⁹ Cf. Marx a Engels, 25 fev. 1859 (MEGA2 III/9, p. 329.85-103).

⁶⁰ Marx a Engels, 9 abr. 1859 (MEGA2 III/9, p. 377.38-39).

⁶¹ Marx a Engels, 25 maio 1859 (MEGA2 III/9, p. 442.14-25).

⁶² MEGA2 III/9, p. 471.14-19.

⁶³ Cf. Duncker a Marx, 31 maio, e Marx a Duncker, 2 jun. 1859 (MEGA 2 III/9, pp. 474; 477).

⁶⁴ Cf. Marx a Duncker, 22 jun. 1859 (MEGA2 III/9, p. 491).

fascículo, há três dias ele o tinha diante de si⁶⁵. Inevitavelmente, isso levou ao rompimento com o editor: Duncker esclareceu que não estava “ansioso” por uma continuação de seu vínculo⁶⁶.

Marx chegou num instante a esse desenvolvimento, por ele mesmo provocado. Em outros casos, Lassalle e Duncker o teriam pressionado regularmente em razão do fascículo 2. Entretanto, pensando melhor, teve a impressão de que o procedimento de fascículos independentes não atingia seus amigos políticos. Wilhelm Liebknecht e Elard Biscamp não viam em que resultaria o projeto⁶⁷, Imandt, ainda sem um exemplar do fascículo, ouviu isso e quis investigar se ambos estavam certos⁶⁸, e Heinrich Bürgers reprovou completamente que “a coisa apareça novamente tão ‘desmembrada’”. Ele fala isso “em meu interesse”, conforme Marx o cita⁶⁹. Contra sua visão, Engels derrama combustível no fogo: Liebknecht deveria esperar ao menos por 15 fascículos, antes de receber os “resultados conclusivos”⁷⁰. Os “críticos” de Marx, no círculo de amigos, são pessoas crescidas pedagógica e jornalisticamente. Entretanto, ele mesmo já compreendia que fascículos “independentes” e exposição de relações internas não combinam. Mais tarde, o amigo Weydemeyer faria paródia da situação, de modo involuntário, mas cativante: ele procurou em Nova York pelo fascículo 2. “Com um interesse tão grande quanto aquele com que eu havia lido o primeiro fascículo, temi, entretanto, que o seu conteúdo abstrato afastasse muitos leitores. Tivesse o senhor Duncker decidido publicar a obra em volumes em lugar de fascículos, então, o sucesso teria sido certamente assegurado.”⁷¹

Enquanto isso, Marx tomou o caminho para Canossa, para ao menos assegurar a impressão completa da primeira seção, “o capital em geral”. Já que os fascículos 1 e 2 “compõem um todo”, seria apropriado se aparecessem na mesma editora, escreve ele em 3 de outubro de 1859, e nisso estava completamente certo. “Eu só gostaria de apresentar ao menos essa *primeira seção* inteira ao público alemão.” Certamente, o manuscrito para o fascículo 2 já tinha um ano e deveria ser totalmente reelaborado.

⁶⁵ Cf. Lassalle a Marx (MEGA2 III/9, pp. 491; 489.237-238). – Em 7 de junho de 1859, o próprio Marx havia anunciado a Engels, para aquela semana, “a merda”, Fascículo 1, e que o prefácio à sua sujeira seria publicado no jornal *Volk* (MEGA2 III/9, pp. 480.47-48, 61-3).

⁶⁶ Cf. Duncker a Marx, 25 jun. 1859 (MEGA2 III/9, p. 495).

⁶⁷ Cf. Marx a Engels, 22 jul. 1859 (MEGA2 III/9, p. 521.41-43).

⁶⁸ Cf. Peter Imandt a Marx, 31 jul. 1859 (MEGA2 III/9, p. 529.19-22). – Wilhelm Liebknecht: professor alemão, publicista e político; Elard Biscamp: jornalista alemão.

⁶⁹ Marx a Engels, 1 ago. 1859 (MEGA2 III/9, p. 530.23-25). – Heinrich Bürgers: filólogo e publicista alemão.

⁷⁰ Cf. Engels a Marx, 25 jul. 1859 (MEGA2 III/9, p. 523.35-48).

⁷¹ Joseph Weydemeyer a Marx, 17 mar. 1860 (MEGA2 III/10, p. 388.66.72).

Ele tinha pouco tempo, de fato, colocara-se o fim de dezembro como termo final⁷².

O andamento posterior das coisas é conhecido. Não se volta mais ao fascículo 2, em vez disso, Marx gasta mais de um ano de vida e de força de trabalho numa contenda desnecessária com o naturalista alemão Carl Vogt.

3 – Modificação não, mas sim continuidade

O assim chamado *plano de seis livros* se encontra apenas por poucos meses nas menções de Marx, e ainda assim em cartas privadas, com determinadas intenções, conforme a função dos destinatários: Lassalle deveria arranjar um editor, Engels deveria ajudar com seu sustento, Weydemeyer, promover as vendas americanas. Se os destinatários das cartas de Marx não as tivessem conservado, e se a direção do partido social-democrata não lhes tivesse pedido que colocassem sua correspondência com Marx à disposição, hoje, provavelmente não saberíamos nada sobre um *plano de seis livros*. Pois, nos manuscritos de Marx, ele não existe nessa forma. Também na resenha de Engels do Fascículo 1 inexistente qualquer pista sobre como deveria ser desenvolvida por Marx a abordagem prometida, alta e completamente elogiada por Engels, na sequência para um *corpus científico*⁷³.

Enquanto Marx, no período de 1858-9, nunca chegou a falar nada relevante sobre os livros II a VI, seu planejamento posterior para o primeiro livro se tornou crescentemente concreto, até o esboço que é datado na MEGA2 como sendo da primavera de 1859 ou do verão de 1861 e que, desafortunadamente, é intitulado “Esboço para o capítulo sobre o capital”⁷⁴, talvez as últimas reflexões conceituais de Marx tendo em vista as cartas que mencionamos. Se minhas ponderações são pertinentes, então, o assim chamado *plano de seis livros* deve ser compreendido tão somente como um conceito tático – e a história da publicação dos escritos de Marx, de 1844 até os contratos de *O capital* com Otto Meissner, é uma fascinante sequência dessas decisões táticas; assim, em 1862-3, Marx não realiza nenhuma mudança no plano de exposição “original”, como é discutido desde Henryk Grossmann (1929). Ao contrário, ele executa, entre 1858 e 1863, um grande e rigoroso desenvolvimento conceitual para o Livro I, que

⁷² Marx a Lassalle, 3 out. 1859 (MEGA2 III/9, p. 31.36-62).

⁷³ Cf. ENGELS, Friedrich. Karl Marx, *Para a crítica da economia política*, primeiro fascículo, Berlim, Franz Duncker, 1859 (MEW, v. XIII, pp. 468-77). – Engels anuncia entrar no conteúdo dos fascículos, o que certamente não se concretizou. Este artigo teria posto Marx sob pressão para escrever o fascículo 2.

⁷⁴ MEGA2 II/2, pp. 256-63; 406.

posteriormente se revelará, por um lado, enriquecido, por outro, desdobrado como material para os três livros.

Às reflexões mencionadas vincula-se uma série de questões: simplesmente o envio do Fascículo 1 de *Para a crítica da economia política*, no final de janeiro de 1859, é um ponto fixo. O que Marx fez, em qual momento, em 1857-8? Quais textos se ocultam por detrás de explicações como “somente ter começado com a escrita propriamente”? O trabalho no esboço do Fascículo 1, a composição das partes do *Manuscrito de 1857-8*? As passagens conceituais destacadas com colchetes neste último, mencionadas nas notas 21 e 26, precedem considerações similares nas cartas ou era precisamente o contrário? Portanto, Marx delimitou os cadernos do *Manuscrito de 1857-8* ao menos em etapas, sucessivamente, ou antes paralelamente? O que significam as inscrições modificadas nas capas dos cadernos? Como devemos compreender a explicação de Marx, no “Prefácio” do Fascículo 1, sobre a introdução “não publicada”, no que diz respeito a sua localização na obra e momento de criação?

Para concluir, voltamos a falar ainda uma vez do aspecto da sequência de fascículos “soltos”: Marx rejeitou essa prática em 1865, como completamente estranha a seus escritos. Eles seriam um “todo artístico” e isso só seria alcançável a seu modo: “não deixar imprimir-los antes que se encontrem *totalmente* diante de mim. Isso é impossível com o método de Jacob Grimmschen e funciona melhor para escritos que não são articulados dialeticamente”⁷⁵. Marx completou sua experiência. E, com efeito, já se encontrava havia dois anos sob o constrangimento de ter de publicar o Livro I, embora já existissem os esboços relativos aos Livros II e III.

Referências bibliográficas

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Gesamtausgabe* v. II/1.1. Berlim: Dietz, 1976.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. II/2. Berlim: Dietz, 1980.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. II/5. Berlim: Dietz, 1983.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. III/8. Berlim: Dietz, 1990.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. III/13. Berlim: Akademie, 2002.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. III/9. Berlim: Akademie, 2003a.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. II/14. Berlim: Akademie, 2003b.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. II.15. Berlim: Akademie, 2004.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. II/11. Berlim: Akademie, 2008.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. II/4.2. Berlim: Akademie, 2012.

_____ ; _____. *Gesamtausgabe* v. II/4.3. Berlim: Akademie, 2012.

⁷⁵ Marx a Engels, 31 jul. 1865 (MEGA2 III/13, p. 510).

_____ ; _____. *Werke* v. XIII. Berlim: Dietz, 1961.
_____ ; _____. *Werke* v. XXXI. Berlim: Dietz, 1965.
_____ ; _____. *Werke* v. XXXV. Berlim: Dietz, 1967.

Como citar:

VOLLGRAF, Carl-Erich. *O plano de seis livros novamente? Sobre a falta de perspectiva de uma lenda*. Trad. Leonardo Gomes de Deus. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 24, n. 1, pp. 6-22, abr./2018.

Data de envio: 22/1/2018

Data de aceite: 27/2/2018